

Uma onça pintada na selva de Brasília

Ziraldo – Você tá magrinha! Está menos ainda com cara de senadora. Você anda malhando?

Heloísa Helena – Pior que não, foi doença mesmo. Fiz uma cirurgia pra tirar uma nódula da mama (ri) causada por uma tristeza profunda...

Ziraldo – Heloísa, o mundo não pode prescindir de pessoas como você. Eu queria, pois, conversar sobre essa menina que era uma enfermeira do sertão de Alagoas...

Heloísa – Nasci num lugar com um nome lindo: Pão de Açúcar. Mas o nome mesmo da cidade é mais belo ainda: Jaciobá, espelho da Lua. Morei em cinco municípios do sertão – família pobre anda mudo – e um deles foi Palmeira dos Índios, a cidade de Graciliano Ramos. Meu irmão todo ano ganhava um diploma de maior frequentador da Casa de Graciliano Ramos. Minha mãe, filha de trabalhadores rurais, só sabia assinar o nome, mas, mesmo não conseguindo decifrar as letras, gostava de dar livros pra gente. Meu pai morreu jovem, de câncer, quando eu tinha três meses. Meu outro irmão foi assassinado quando eu era pequena. Meninas como eu nascem carimbadas com o destino de viver no quartinho de empregada ou de vender o corpo por um prato de comida, mas algumas se salvam. Tive a sorte de conviver com a Igreja libertária. Os padres e as freiras holandesas nunca me ensinaram o Evangelho como uma história de subordinação e subserviência aos grandes e poderosos. Pelo contrário, aprendi que é a história da luta de libertação do povo de Deus. Ao mesmo tempo, eu lia um comunista que era Graciliano.

Rodrigo Almeida – Leu *Cartas a Heloísa*?

Heloísa – (Ri) Muita gente pergunta se sou Heloísa por causa de Graciliano Ramos, mas é que meu pai foi Luís e minha mãe Helena. Entrei na escola com 8 anos, era muito doente, tinha asma, problema renal, todo mundo dizia que eu não ia passar dos 9 anos. Tinha um cabelo imenso, aqui, no joelho! Com 7 anos minha mãe fez promessa e cortou meu cabelo homenzinho. Na hora em que cortou me senti tão diferente. Fui levantar, fiquei tonta e caí, imagina.

Ziraldo – Foi a sua primeira perda de peso.

Maria Lucia Dahl – Você diria a sua idade?

Heloísa – Não tenho nem como esconder, porque sou senadora há dois mandatos e a idade mínima é 35; estou com 43. Mas tem uma frase de Oscar Wilde que diz: “Nunca confie numa mulher que diga a idade, porque ela é capaz de dizer qualquer coisa!”.

Ricky Goodwin – Ih, então a entrevista vai ser boa!

Arthur Poerner – Na última vez em que nos vimos, em Cuba, em 2000, era inimaginável toda essa transformação: você saiu do PT, fundar outro partido, talvez ser candidata a presidente, seus ex-companheiros te chamarem de traidora...

Zezé Sack – Foi você ou o mundo que mudou?

Heloísa – Não sei nem se foi o PT. A paixão nos cegou a ponto da gente não ter conseguido desvendar os

Quem acompanha a TV Senado se encanta com uma de suas *atrizes* principais, sempre no papel de uma guerreira que, da tribuna, brada posições firmes, marcadas com o dedo em riste. Nas recentes transmissões de CPIs e comissões de falta de ética ela também rouba as cenas, peitando deputados e depoentes, com seu uniforme de super-heróina simples – jeans e camiseta – mas com a armadura das convicções. Por isto quem conhece Heloísa Helena pessoalmente tem um primeiro espanto: com o pode esta mulher tão miudinha, tão magrinha, doce e carinhosa e calma, ter tanta fama de brígona e brava? Mas, no decorrer da entrevista, percebe-se o porquê da aura de valente.

Ao tocar em pontos dolorosos, ela se exalta, se inflama, se indigna! Impressiona também sua velocidade com as palavras, encaixando frases feitas com sua raiva das desfeitas, desancando e não permitindo apartes até que se complete seu raciocínio. De tanto ler os poetas, Heloísa adquiriu uma forma indireta de falar – que procurei conservar aqui – e que torna seu discurso ainda mais interessante. Neste encontro com a senadora-samurai, além dos entrevistadores habituais do *B*, estiverem presentes Rodrigo de Almeida, editor da página de Opinião do *JB*, e, escutando a musa do partido, dois fiéis escudeiros do PSOL: Martiniano Cavalcante e Milton Temer. (**Ricky Goodwin**)

mistérios da alma humana de algumas lideranças partidárias. Não acredito que o poder tenha mudado as pessoas, que tenham se metamorfoseado ao tocarem os tapetes supostamente sagrados dos palácios. O poder não muda as pessoas, ele as revela.

Ricky – Eles eram assim mesmo? Não é um caso de deslumbramento com o poder?

Heloísa – Evidente que tem o deslumbramento, mas já vinham num claro processo de burocratização degenerativa, que nós, por sudeo-sismo ou por falta de análise, não percebemos. Nem eu, que iniciei com eles dramáticas contendas, imaginei que iria chegar onde chego. Sei que o momento que estamos vivendo é doloroso. Eu não comemo-ro.

Maria Lucia – É meio como um ex-marido. As amigas ligam com o ando como ele se ferrou, mas você fica triste porque lembra o quanto se amavam.

Heloísa – Mesmo após o processo doloroso pelo qual passamos: o sermões expulsos, dos açóites, da humilhação, da fogueira em que fomos jogados... Quando nos empurram no tribunal da inquisição não era apenas para aniquilar pessoalmente algumas pessoas, era para que o nosso grito de dor simbolizasse para outros o que lhes poderia acontecer: se resistissem politicamente.

Ricky – Mantendo o paralelo amoroso: como começou seu namoro com o PT?

Heloísa – Eu era militante da CUT e do movimento dos trabalhadores rurais e entrei no PT pelo seu lado social. Tinha dúvidas com relação à participação na institucionalida-

de, mas acabei sendo candidata a vice-prefeita de Maceió pelo PT, pra ajudar o partido, numa chapa destinada a perder. Só ganhamos a eleição por causa do *impeachment* do Collor. O sopro das ruas localizou na nossa candidatura a representação daquele momento político. Depois de um ano como vice-prefeita fui a primeira deputada estadual do PT. Qualquer um no meu lugar teria as condições objetivas de ascender politicamente porque era um momento conturbado em Alagoas, com uma Assembleia Legislativa vinculada ao crime organizado. Mas meu temperamento pouco civilizado talvez tenha me ajudado a fazer um bom mandato de enfrentamento.

Rodrigo Almeida – Recebeu muitas ameaças, Heloísa?

Heloísa – Ameaças? Levei tapas, fui arrastada pelos cabelos, jogada no meio de uma feira de tomates, coisas terríveis... É doloroso ver hoje aqueles que foram parte da tropa de choque das coisas mais podres na política de Alagoas serem os amores primeiros do governo Lula. Pela generosidade do povo de Alagoas, porém, fui eleita senadora, quebrando a tradição onde para tocar os tapetes azuis do Senado tinha que ser da varanda dos usineiros ou da cozinha dos pistoleiros. Alagoas botou no Senado uma mulher do povo, apesar de uma campanha difícil onde se dizia “quem é essa nequinha? Nem sabe se vestir, vai querer ser senadora!” (sorri) Bem, quanto a não saber se vestir, tinham razão...

Rodrigo – Por que o PT escolheu você como candidata?

Heloísa – O PSB nacional disse que só apoiaria o Lula naquela eleição se resolvessem o problema de Alagoas. Que era eu. Então retirei mi-

nha candidatura à governadora em favor de Ronaldo Lessa pra poder consolidar essa aliança e passei a ser candidata ao Senado. É por isso que eu digo que minha cota de engolir política de alianças pra ajudar o PT já foi dada. Na eleição de 2002, embora estivesse em primeiro lugar nas pesquisas, deixei novamente de ser candidata a governadora por causa da aliança do PT com o PL. Eu não queira compartilhar o mesmo palanque com a cana-lha do meu estado.

Poerner – A começar pela Reforma da Previdência.

Heloísa – Mentirosos são os que dizem que essa reforma foi pra combater privilégios! Criou mecanismos pra punir os filhos da pobreza que entram mais cedo no mercado de trabalho. Pessoas que começaram a trabalhar com 16 anos iam à prefeiturazinha do interior de Alagoas pra começarem a receber sua aposentadoria e eram comunicadas de que teriam trabalhar mais oito anos ou então receberem só 55%. A Reforma da Previdência fez o jogo sujo de quem? Da nuvem de capital volátil que paira sobre a planeta Terra, da canalha dos parasitas sem pátria do capital financeiro! Tal qual aprendizes do publicitário de estimação de Hitler, pegaram um setor odiado pela sociedade – os funcionários públicos – e asolararam a opinião a respeito de seus privilégios e mentiram muitas vezes pra que virasse verdade. Noventa por cento dos funcionários públicos ganham até um salário mínimo e meio.

Poerner – E a meia reforma tributária?

Heloísa – Outra farsa! Não taxou as grandes fortunas, não diminuiu a carga tributária no setor produtivo que gera emprego e renda, não taxou a remessa de lucros ao exterior nem o capital especulativo! O que fez foi reeditar por mais quatro

anos a DRU criada por FH e que combatíamos com veemência e ferocidade! Quando eu combatia a política econômica de FH não era apenas pra derrotá-lo, mas porque acredito nisso.

Ziraldo – O que é a DRU?

Heloísa – Autoriza o governo a saquear 20% dos recursos da Saúde pra compor o superávit e encher a pança dos banqueiros esvaziando a dignidade da grande maioria dos brasileiros. Só no primeiro quadrimestre deste ano, além deste saque legalizado de 20%, saquearam R\$ 17 bilhões a mais! E de quem? Do menino pobre ardendo em febre em casa porque não tem hospital público, da mãe na hora do parto, do velho gemendo por uma doença crônica degenerativa! Metade da riqueza nacional está sendo jogada na poçilga do capital! Nunca os porcos chafurdaram com tanta desenvoltura quanto agora!

Rodrigo – E as Parcerias Público-Privadas?

Heloísa – Nome lindo. Significa “privatização enrustida”. Que mais fez o Lula? A Lei das Falências. Antes, diante da massa falida de uma empresa, a prioridade era pagar os trabalhadores. Em segundo lugar, o interesse de todos, ou seja, o Estado. Em terceiro, os outros credores. Hoje estão todos na mesma prioridade. Alguém imagina que um trabalhador vai ter o mesmo acesso a uma massa falida do que um banqueiro com seus gigantescos escritórios de advocacia? Então pra que fazer alianças e conseguir maioria no Congresso? Pra conspirar a favor do capital financeiro?

Poerner – E a meia reforma tributária?

Heloísa – Outra farsa! Não taxou as grandes fortunas, não diminuiu a carga tributária no setor produtivo que gera emprego e renda, não taxou a remessa de lucros ao exterior nem o capital especulativo! O que fez foi reeditar por mais quatro

anos a DRU criada por FH e que combatíamos com veemência e ferocidade! Quando eu combatia a política econômica de FH não era apenas pra derrotá-lo, mas porque acredito nisso.

Ziraldo – O que é a DRU?

Heloísa – Autoriza o governo a saquear 20% dos recursos da Saúde pra compor o superávit e encher a pança dos banqueiros esvaziando a dignidade da grande maioria dos brasileiros. Só no primeiro quadrimestre deste ano, além deste saque legalizado de 20%, saquearam R\$ 17 bilhões a mais! E de quem? Do menino pobre ardendo em febre em casa porque não tem hospital público, da mãe na hora do parto, do velho gemendo por uma doença crônica degenerativa! Metade da riqueza nacional está sendo jogada na poçilga do capital! Nunca os porcos chafurdaram com tanta desenvoltura quanto agora!

Rodrigo – E as Parcerias Público-Privadas?

Heloísa – Nome lindo. Significa “privatização enrustida”. Que mais fez o Lula? A Lei das Falências. Antes, diante da massa falida de uma empresa, a prioridade era pagar os trabalhadores. Em segundo lugar, o interesse de todos, ou seja, o Estado. Em terceiro, os outros credores. Hoje estão todos na mesma prioridade. Alguém imagina que um trabalhador vai ter o mesmo acesso a uma massa falida do que um banqueiro com seus gigantescos escritórios de advocacia? Então pra que fazer alianças e conseguir maioria no Congresso? Pra conspirar a favor do capital financeiro?

Poerner – E a meia reforma tributária?

Heloísa – Outra farsa! Não taxou as grandes fortunas, não diminuiu a carga tributária no setor produtivo que gera emprego e renda, não taxou a remessa de lucros ao exterior nem o capital especulativo! O que fez foi reeditar por mais quatro

Poerner – Pra isso não precisavam pagar.

Heloísa – Pois é, o PSDB e o PFL estrebucham na oposição apenas pra reivindicar o direito autoral da obra, pois o projeto é o deles. O governo Lula é mais do que a continuidade do governo FH, é o aprofundamento do seu projeto. É uma traição a todas as concepções programáticas do PT. É uma agenda econômica distinta daquela com que nos comprometemos ao longo de nossa história.

Ricky – Mas os próceres do PT não têm razão quando dizem “os incomedados que se retirem”?

Heloísa – O PT tem o direito de mudar de lado. Não pode é usar a música de Raul Seixas. “Ser uma metamorfose elegante” em música é lindo, na realidade objetiva é outro tipo de adjetivo. O PT deveria pelo menos ter honrado a tradição dos partidos de esquerda e convocado um congresso pra mudar o seu programa. Avisando abertamente: “Mudamos. Quem quiser, fica, quem não quiser, saia”. Ao mudar de lado, o PT sepultou o que não era de sua propriedade. Aniquilaram bandeiras históricas da classe trabalhadora! É exatamente por isso que temos a obrigação de entrar na disputa. (*Ziraldo tenta fazer uma pergunta mas ela se exalta novamente*) Não criamos o PSOL por sermos masoquistas! Foi a obrigação histórica de criar um abrigo pra esquerda democrática que não se vende pra se lambuzar no banquete farto do poder. Criar uma estrutura partidária, nadar contra a correnteza, não é uma coisa fácil. É como se todos os dias as ameaças fossem tantas que acabariam por esgotar nossa capacidade de ação. Mas em memória a todos os militantes da esquerda que entregaram sangue e suor e lágrimas na luta pela construção de concepções democráticas, não podemos ficar no falso dilema entre os neoliberais tucaninhos e os neoliberais de estrelinha. (*Ziraldo tenta interromper mas ela está embalsada*) “O PSOL é muito pequeninho!” Não importa. Se continuar pequeno, não será um dos nanicos que funcionam como moeda de troca. Se crescer, jamais entregará sua alma e suas convicções para ser aceito no convívio do poder.

Heloísa – (faz um carinho no braço de Ziraldo) Mas suas palavras em que acredito, flor! É o meu jeito de falar, uso muito as adjetivações.

Ziraldo – Heloísa, tem uma coisa de que não gosto no seu discurso que são os chavões e as frases feitas. “Verborragia da patifaria neoliberal”. “Parasitas sem pátria do capital financeiro”. Tiram todo o caráter coloquial da sua fala. Parece que você está lendo ou então decorou o texto. São como toque de clarim numa canção de ninar.

Heloísa – (faz um carinho no braço de Ziraldo) Mas suas palavras em que acredito, flor! É o meu jeito de falar, uso muito as adjetivações.

Ziraldo – Você sempre teve esse discurso fácil? Como você consegue guardar tantos dados na cabeça? É essa extraordinária organização das informações da atividade política? Você formula pensamentos com a velocidade de um computador!

Heloísa – Ziraldo, sou uma pessoa normal! Sou provinciana e simplória. Só viro uma onça pintada naquele Congresso porque aqueles



ZEZÉ SACK (E), Antonio Leite Barbosa, Rodrigo Almeida, Arthur Poerner, Heloísa Helena, Ziraldo, Ricky e Maria Lucia Dahl

Heloísa – (ri) Pra escolher qual o campo entre as minas você tem que saber onde quer chegar. O objetivo escolhido define seus passos. É uma questão de opção de vida. O poder é muito sedutor, claro, mas existem outras coisas maravilhosas. Fala-se no Oriente que é melhor ter a flexibilidade do bambu, que passa por todas as tempestades, do que a solidez do carvalho, né? Mas eu não sou bambu. Pra mim bambu só serve para aquelas cenas maravilhosas dos filmes orientais, com os samurais duelando e tocando levemente nas plantas.

Ziraldo – Você diz que continua socialista. Que experiência socialista você conhece que tenha dado certo? Ainda não conseguiram fazer o socialismo conviver com a liberdade.

Heloísa – Só sei de uma coisa: conheço muito bem as experiências capitalistas e a liberalização financeira significa dor, miséria e sofrimento pra grande maioria da população. Não temos nenhum entusiasmo em transpor mecanicamente nem os modelos de outros países nem as lutas dos movimentos sociais em outros lugares do mundo. Não podemos desmerecer a criatividade do povo brasileiro. Por que não criar uma coisa nova aqui?

Ziraldo – Heloísa, tem uma coisa de que não gosto no seu discurso que são os chavões e as frases feitas. “Verborragia da patifaria neoliberal”. “Parasitas sem pátria do capital financeiro”. Tiram todo o caráter coloquial da sua fala. Parece que você está lendo ou então decorou o texto. São como toque de clarim numa canção de ninar.

Heloísa – (faz um carinho no braço de Ziraldo) Mas suas palavras em que acredito, flor! É o meu jeito de falar, uso muito as adjetivações.

Ziraldo – Você sempre teve esse discurso fácil? Como você consegue guardar tantos dados na cabeça? É essa extraordinária organização das informações da atividade política? Você formula pensamentos com a velocidade de um computador!

Heloísa – Ziraldo, sou uma pessoa normal! Sou provinciana e simplória. Só viro uma onça pintada naquele Congresso porque aqueles

homens dão muito trabalho!

Ricky – Essa fama de brava é boa pra você usar como uma arma ou acaba sendo um fardo?

Heloísa – É só fama. Eu acho que sou uma pessoa superboazinha. Um poço de ternura. Sou como toda mulher que vive engolindo seus próprios medos, escondendo suas fraquezas, mas que renasce todos os dias com coragem, solidariedade e esperança.

Antonia Leite Barbosa – E por que sempre jeans e camiseta?

Heloísa – Mania. Agora ainda tenho que agüentar quando falam na “moda Heloísa Helena”. Respeito todas as tribos, quem quiser andar de salto alto, fazer plástica, usar cabelo vermelho... agora quero que me respeitem também. As pessoas falam que faço isso pra provocar, mas é por comodidade mesmo. Prefiro provocar em coisas mais nobres do que no vestuário.

Martiniano Cavalcante – Uma das principais características da Heloísa é ela ser prática. Outra característica dela é ser trabalhadora.

Heloísa – Sou muito disciplinada e quero saber de todos os detalhes! No gabinete me ironizam, dizem que não superei a fase do “porquê”. Minhas coisas são todas organizadas, desde o tempo em que eu dava aula. Sou neuroticazinha no sentido de buscar cumprir minha obrigação da melhor forma possível. Não é capricho ou coragem pessoal: é fazer as coisas certas. Gosto de me sentir como um samurai. (Ri) Leio muitas coisas orientais, no meu aniversário meus filhos me deram uma espada de samurai lindíssima.

Antonia – Você pratica remo, né? Seu professor falou que você não rema pra direita, só pra esquerda! (risos)

Heloísa – Ah, ele faz a maior brincadeira comigo! Eu adorava remar, era um momento de tranquilidade, mas depois a polícia do governo Lula me deu uma paulada e dei um jeito no meu pé. Uma dúzia de servidores, inclusive mulheres idosas, estavam no prédio do INSS e mandaram a tropa de choque da Po-

lícia Federal – criada pra combater seqüestradores e narcotraficantes – dizendo que estávamos fazendo uma ocupação. Nunca imaginei que eu fosse tão leve! Na hora doeu no corpo, mas quando eu vi as cenas pela TV Senado, eles me jogando longe, doeu na alma.

Maria Lucia – Lula tem consciência de que se desviou do caminho?

Heloísa – Pelo que conheço da estrutura partidária, é impossível que Zé Dirceu, Delúbio e Silvino fizessem alguma coisa sem conhecimento do Lula. Nunca compartilhei com a visão elitista de dizer que Lula é um incompetente ou pau-mandado. É um homem brilhante e profundo conhecedor da máquina administrativa. A opção foi clara: partilhar o Estado brasileiro com os saqueadores dos cofres públicos, que, ao invés de serem obrigados a restituir o que roubaram, foram reconduzidos aos cargos pra roubar ainda mais.

Ricky – Um efeito triste dessa história é o desencanto da população com a esquerda. Isso não dificulta ainda mais o nascer do PSOL?

Heloísa – Muito! Legitimar-se no imaginário popular é um atributo essencial para as personalidades políticas fazerem parte dessa malandragem toda. Isso é ruim pra nossa democracia representativa, que já não é boa, e péssimo para a esquerda. Muita gente me diz: “Olha, eu adoro você, Heloísa, mas não entra nessa história de partido não. Quando chegar lá vai fazer tudo igual”.

Antonia – As pessoas gostam muito de você também por suas frases de efeito, né? “Comigo é quente ou frio. Morno eu vomito”.

Heloísa – Isso é de uma passagem bíblica lindíssima. O velho camaráda Trotsky dizia que a verdade e a revolucionária, mas, antes mesmo de descobrir os mais belos textos da esquerda socialista, já aprendi isso lendo a Bíblia. Onde também diz que os capitalistas vão virar churrasco do diabo, pois ou se serve a Deus ou ao dinheiro.

Ricky – Outra sua é a expressão “neo-qualquer-coisa”.

Heloísa – Muitos dos cavaleiros audezes de FH são os cavaleiros audaciosos do governo Lula. São esses os neo-qualquer-coisas. Estavam esculhambando Lula e Zé Dirceu e hoje estão na galinhagem. É por isso que tenho que dizer: haja engov pra tanto gov!

Maria Lucia – Estamos terminando a entrevista e não falamos do seu gosto pela poesia. Você conhece muito os poetas, né?

Heloísa – Leio muito Fernando Pessoa e Ledo Ivo. As lágrimas fazem cicatrizes na alma, né, mas digo sempre que só tem cicatriz na alma quem nunca esteve no campo de batalha e quem nunca se acordou. Toda vez que estou desanimada recito parte de um poema de Ledo Ivo: “Meu coração está batendo / sua canção de amor maior / bate por toda a humanidade / em verdade eu nunca estou só”. Outro dele termina assim: “Eis o regimento do mundo / relâmpagos e raios / depois flores e frutos”. No auge de uma briga com o PT eu disse uma dele também: “Quem cala a minha / boca não perde por esperar / o silêncio de agora / amanhã é voz rouca / de tanto berrar”.